

Artigo de revisão | Review

Monomito, individuação e o Fausto: a simbolização como ferramenta psicoterápica transdisciplinar

Monomyth, individuation and Faust: symbolization as psychotherapeutic transdisciplinary tool

André Tavares Colaço de Souza,^I Ana Cleide Barros Jucá^{II}

^IPsicólogo clínico

^{II}Psicóloga, M.Sc.

Endereço para correspondência:
souza_andre@hotmail.com

Palavras-chave: Simbolização; autodesenvolvimento; individuação; Fausto de Goethe; psicologia antroposófica; psicologia analítica.

Key words: Symbolization; self-development; individuation; Goethe's Faust; anthroposophic psychology; analytical psychology.

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica expositiva, de abrangência temática, através de uma revisão da literatura de Carl Gustav Jung e Rudolf Steiner. Busca-se aqui promover o diálogo teórico entre a antroposofia e a psicologia analítica, relacionando a simbolização aos processos de autodesenvolvimento, tendo o Fausto de Johann Wolfgang von Goethe como imagem e o conceito de monomito de Joseph Campbell como suporte. Goethe forneceu um caminho (reflexivo) dos fundamentos para a elaboração de modelos interpretativos simbólicos dos processos humanos. O pensador e poeta alemão influenciou as teorias de Jung e forneceu os elementos centrais do pensamento antroposófico desenvolvidos por Steiner. Ao associar conceitos da psicologia antroposófica e analítica, encontram-se pontos convergentes entre a simbolização e o autodesenvolvimento, fomentando a discussão científica da utilização transdisciplinar da simbolização como ferramenta terapêutica, onde os aspectos do processo de desenvolvimento psicológico humano trazidos pelos pacientes ao setting terapêutico possam ser refletidos e mais facilmente assimilados.

ABSTRACT

This paper is an expositive research in literature, which has a thematic scope, by a review of Carl Gustav Jung and Rudolf Steiner works. It aims to promote the theoretical dialogue between anthroposophic and analytical psychology, relating symbolization to the self-development processes, with Johann Wolfgang von Goethe's Faust as image, and the concept of Joseph Campbell's monomyth as base. Goethe provided a reflective method from the foundations to the development of symbolic interpretative models of human processes. The German poet and thinker influenced the Jung's theories and he provided the core elements of anthroposophic thought developed by Steiner. By associating concepts of anthroposophic and analytical psychology, we can find the convergence between the symbolization and self-development, fostering scientific discussion of transdisciplinary use of symbolization as a therapeutic tool, which aspects of human psychological development process brought by patients to the therapeutic setting can be reflected and more easily assimilated.

Para Rudolf Steiner, os símbolos são como uma janela para uma sabedoria espiritual esquecida em nossa época.¹ As imagens presentes na mitologia, bem como nas fábulas e contos de fadas, são exemplos dos portais dessa sabedoria. A elevação do estado de consciência e a consequente iniciação no conhecimento dos mundos superiores só pode partir da consciência diurna, de vigília. Porém, não é pelo olhar morto de uma interpretação racional que todo esse potencial se revela. Observar um símbolo apenas como uma sequência de pensamentos lógicos e abstratos não resulta no seu verdadeiro sentido. Para nos aproximarmos do “guardião do limiar”, dessa capacidade da alma de ampliar a consciência suprassensível no mundo espiritual mantendo nossa entidade autônoma, precisamos vivenciar determinadas representações mentais com totalidade. Os símbolos são o melhor exemplo destas representações, pois exercem uma força despertadora sobre nossas capacidades ocultas. Eles possuem o potencial de estear a alma em si mesma, onde a imagem representada é formada pela própria energia anímica, livre de qualquer dependência do mundo físico.²

Para Carl Gustav Jung, quando a mente humana explora um símbolo, atravessa uma porta que conduz a ideias e pensamentos fora do alcance da razão.³ A história humana é um território repleto de símbolos, criados para transmitir o conceito de coisas que não podem ser descritas ou compreendidas integralmente. O símbolo é sempre enraizado em um arquétipo e se apresenta através de uma consciência específica que emerge. Uma imagem torna-se simbólica quando inferimos a ela alguma coisa além do seu significado literal ou imediato. É nesse salto conceitual, que vai além do movimento lógico linear, que habita a subjetividade humana. Os símbolos têm o potencial de ativar o centro donde emana toda a ação reguladora do ser humano, o fator de orientação íntima que representa a totalidade da psique (*self*). A simbolização contribui para um melhor entendimento e concepção do material inconsciente complexo e onírico que avança na sua trajetória de autodesenvolvimento e compreensão da relação consigo mesmo e com o mundo.³

SÍMBOLOS MITOLÓGICOS E PSICOLOGIA

Para Joseph Campbell, mitologia é psicologia confundida com biografia, história e cosmologia.⁴ O psicólogo moderno tem condições de retraduzi-la em suas denotações próprias e, desse modo, recuperar para o mundo contemporâneo um rico e eloquente documento das camadas mais profundas do caráter humano. Os símbolos mitológicos são assim, produções espontâneas que descrevem os temas centrais da humanidade.

Diferente do registro histórico formal, tais símbolos residem nos planos inconscientes e possuem uma conexão mais íntima e ampliada com os aspectos anímico-espirituais do ser humano. A psicologia antropológica busca em relação ao fenômeno anímico levar para o domínio da psicologia um sentido científico-espiritual. Steiner entendia o psicólogo

como um pesquisador da alma humana observando as essencialidades anímicas do pensar, sentir e querer, buscando aproximá-las da consciência comum.⁵ Na sua narrativa, os mitos funcionam como uma abertura secreta para o mistério da existência humana. O contexto mágico e a realidade fantástica deslocam os filtros racionais, liberando a compreensão para o tema central. Essa é a eficácia característica do mito, presente no mais desprezioso conto de fadas ou nas complexas relações arquetípicas dos deuses do Olimpo: tocar e inspirar centros criativos do potencial humano, mesmo quando não somos capazes de percebê-lo conscientemente.

Desde a psicanálise de Freud, a psicologia ficou atenta ao estudo das imagens insubstanciais e de conteúdo simbólico, mostrando a importância das construções oníricas e suas relações na esfera pessoal através dos sonhos. Ampliando o campo da espera pessoal para a coletiva, os mitos comungam dessa mesma natureza simbólica, como se a mitologia fosse o sonho de toda a humanidade. Os mitos abrigam os arquétipos da consciência criadora em forma de imagens e sua simbolização pode ser vista como um material de relevante associação psíquica que deve ser utilizado como ferramenta de estudo e desenvolvimento pessoal.

MONOMITO E INDIVIDUAÇÃO

O conteúdo mitológico humano é um vasto e rico material que contempla os mais diversos temas da aventura do homem na terra.⁴ Campbell dedicou sua vida a estudar profundamente os aspectos comuns presente na jornada do herói das mais diversas culturas e concluiu que o conteúdo mitológico, mesmo sendo construído em um contexto mais amplo, nas mais variadas culturas e épocas, possui especificidades. Campbell percebeu que há como um roteiro básico, que consiste em apartar-se do seu lugar de origem e seguir por caminhos desconhecidos e distantes, vencer batalhas e obstáculos com força e ajuda de fontes até então inconcebíveis e, ao final, ser transformado por suas experiências e perceber que está no mesmo lugar de onde partiu, para compartilhar com o seu meio os benefícios da sua conquista. Dessa forma, embora possuam estruturas narrativas e contextos específicos, é possível encontrar um ponto comum em todas essas trajetórias. Um ponto que, mesmo fazendo referência objetiva ao protagonista da narrativa, também está presente em todas as outras.

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito.⁴

O monomito é todo o simbolismo mitológico em sua essência comum, o relato da trajetória do herói em seu processo de morte e renascimento psicológicos no sinuoso caminho de autodesenvolvimento.

Foi através dos sonhos que a psicologia analítica de Jung descobriu que o caminho de autodesenvolvimento humano também possui um processo específico. No seu estudo, que abrange a interpretação de mais de oitenta mil sonhos, Jung descobriu “que, no conjunto, parecem obedecer a uma determinada configuração ao esquema. A este esquema Jung chamou “o processo de individuação”.⁶

Jung notou que a edição do material onírico possui uma espécie de tendência reguladora e que o critério desta tendência evolui de forma diretamente associada com o amadurecimento psíquico do indivíduo.

O processo de individuação é a trajetória humana de ultrapassar os limites da sua personalidade, “tornar-se si mesmo” (*Verselbstung*, em alemão) ou “o realizar-se de si mesmo” (*Selbstverwirklichung*).⁷

Diferente da individualidade que pode ser aplicada apenas aos aspectos íntimos do ser humano, a individuação é relativa e estes mesmos processos íntimos ampliados pela realização dos melhores atributos coletivos do ser humano. Um movimento complexo e multifatorial que acontece independente do esforço ou vontade consciente. Para tornar-se si mesmo na sua aventura, o ser humano conta com as forças do inconsciente – seu e de todo o universo – para, ao final, realizar todo o potencial de suas qualidades coletivas.

Na individuação, assim como no monomito, o ser humano

se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.⁴

MONOMITO, INDIVIDUAÇÃO E O FAUSTO

Da obra de Johann Wolfgang von Goethe derivaram elementos centrais do pensamento antropológico desenvolvidos e realizados por Steiner. O pensador e poeta alemão também esteve presente na vida de Jung desde a sua adolescência, tendo também influenciado ulteriormente na construção das suas próprias teorias. Goethe apresentou as bases de uma cosmovisão (em alemão, *Weltanschauung*) que fornece um caminho reflexivo dos fundamentos para a elaboração de modelos interpretativos simbólicos dos processos humanos. Quando ele procurou transmitir as vivências mais profundas da alma humana, não recorreu primordialmente a explicações teóricas, mas utilizou de sua poesia para falar às exigências mais elevadas e à vida da alma humana.

Dentre as obras de Goethe, a tragédia do Fausto marca a produção literária de Jung e de Steiner, com imagens que facilitaram a compreensão e entendimento dos processos de desenvolvimento pessoal elaborado pelos respectivos autores. A seguir, através da narrativa de alguns dos seus trechos, pretende-se proporcionar uma simbolização do processo de individuação do Dr. Fausto, um homem dotado de uma imensa sede de saber, mas que se encontra insatisfeito e insaciável.

Metanoia

Filosofia, leis e medicina, teologia ‘té, com pena o digo, tudo, tudo estudei com vivo empenho! E eis-me aqui agora, pobre tolo, tão sábio como dantes! É verdade que sou mestre, doutor, e há já dez anos que discípulos levo a meu talante, à esquerda, à direita, ao sul ou norte, mas conheço que nada nós sabemos! Rói-me isto o coração! Sinto-me acima dos mestres e de padres e de escribas; não me assolam dúvidas nem escrúpulos, nem do demônio ou do inferno tenho medo – mas também nunca tenho hora alegre! Nem chego a imaginar que haja ciência em que deveras creia, nem que saiba ensinar coisa alguma que aos homens sirva, e convertê-los possa ou melhorá-los.⁸

Dr. Fausto vivencia uma espécie de loucura secreta, como se uma força inconsciente antecipasse, de forma ainda não definida, as transformações e novas escolhas do seu vir a ser. Em sua metanoia, na latência da iniciação do seu processo de individuação, volta sua atenção para os sentidos existenciais mais profundos.⁹

Início inconsciente e sincronicidade

O SENHOR: Fausto conheces?

MEFISTÓFELES: O Doutor?

O SENHOR: Meu servo! [...] Enquanto ele viver vida terrena não te é proibido exp’rimentá-lo. Está sujeito a errar enquanto luta o homem.

MEFISTÓFELES: Agradeço-vos, pois nunca soube me haver com mortos. [...]

O SENHOR: Eu to entrego! Esse espírito arreda da primeira origem sua e, se vencê-lo podes, a tua senda tortuosa o guia; mas de pejo te cobres, se te é força confessar que, lidando em treva escura, sente o homem honesto o bom caminho...⁸

A aventura inicia-se no céu, com o Senhor ao trono, à roda da corte celestial, e junto com eles, Mefistófeles – inimigo da luz, como se chamava o demônio nas antigas lendas alemãs. Desafiado, o Senhor coloca Fausto como objeto de aposta entre o bem e o mal. Assim como no monomito, a iniciação do processo possui, muitas vezes, origem distante da realidade consciente.⁷

Contradição e o “duplo”

Só duma aspiração tens consciência; Oh, não queiras jamais sentir a outra! Duas almas habitam no meu peito, uma da outra separar anseiam: uma com órgãos materiais se aferra amorosa e ardente ao mundo físico; outra quer insofrida remontar-se de sua excelsa origem às alturas. Oh! Se no vasto ar vagam espíritos, entre a terra e o céu regendo o espaço, baixem ‘té mim desse dourado ambiente e a nova, vária vida me transportem!⁸

No intuito de elevar-se da vida cotidiana, Fausto medita sobre sua existência e o sentido da vida. Formado em todas as ciências, tenta através delas desvendar os mistérios do mundo e não consegue. Pensa em suicídio como solução, mas desiste ao ouvir os sinos da Páscoa.

Passeando com Wagner, seu criado, se comove com a natureza e descobre duas almas dentro de seu peito que desejam separar-se. É a contradição que aparece quando começa o caminho do autodesenvolvimento, quando a razão descobre a natureza irreconciliável dos opostos.⁷

Constelação de fatos

Pois está dito! Se disser ao momento quando foge: És tão belo, demora-te! – encadeia-me, sucumbo satisfeito. Que então dobre por mim a campa de finados, cesse o serviço que fazes sê liberto; Para o relógio e o ponteiro caia, de minha soe a hora extrema.⁸

O que em princípio seria impossível de se relacionar com uma situação causal, gera a primeira prova da presença simultânea das suas equivalências significativas. O diabo segue Fausto em forma de cão até seu gabinete e lá se apresenta como Mefistófeles. Expondo suas angústias, os dois chegam ao acordo – selado com sangue. Mefistófeles fará tudo o que Fausto quiser na Terra e, em troca, poderá dispor de sua alma com a condição do Doutor se sentir pleno ao final da vida. Fausto embarca numa aventura da qual ainda não tem a menor consciência, através de uma constelação de fatos com consequências de longo alcance.⁷

Relação compensatória

FAUSTO: Escuta, hás de alcançar-me aquela moça!

MEFISTÓFELES: E qual?

FAUSTO: A que inda há pouco ia passando.

MEFISTÓFELES: Aquela? Vem agora do seu padre, que dos pecados todos lhe deu plena absolvição. Atrás me introduzira do confessor. É um anjo de inocência que se foi confessar por coisa alguma; não me é dado exercer poder sobre ela!⁸

O Fausto racional e individualista, no oposto da busca da realização material plena

garantida pelo diabo, apaixonou-se por uma jovem angelical de nome Margarida, sobre a qual o poder que Mefistófeles dispõe de nada adianta. Os processos inconscientes atuam em uma relação compensatória à consciência, uma complementação mútua para a formação da totalidade.⁷

Medida individual vacilante e inflação psíquica

Espírito sublime, concedeste quando pedir-te ousei. Não foi em vão que em fogo para mim volveste a face. Para reino a soberba natureza me hás dado, e poder para

senti-la e gozar-lhe as belezas. Não permites que frias vistas só lhe lance atônito, deixa-me penetrar-lhe o íntimo seio como um peito de um amigo. Ante meus olhos dos viventes desdobras a cadeia, e no bosque frondoso e funda águas, na vastidão do ar, irmãos me mostras. E quando na floresta a tempestade ronca e brama, o pinheiro agigantado baqueando destroças hastes e troncos em torno, e ao fragor de sua queda com cavo e rouco som retumba o monte então me guias à escondida gruta e de meu ser íntimo descobres-me; do próprio peito meu misteriosas profundas maravilhas se revelam.⁸

Margarida desperta em Fausto a sua vontade de fundir-se com o mundo. A medida

individual de Fausto torna-se cada vez mais vacilante. Obcecado pelo seu desejo, ameaça o demônio a sucumbir a seus caprichos sob risco de quebra do pacto. A ama de Margarida e o irmão da moça, Valentin, morrem por consequência da ação de Mefistófeles. A assimilação dos processos inconscientes interfere na personalidade e gera um movimento de inflação psíquica que pode levar o indivíduo a presunção.⁷

Perda do equilíbrio

Insólito terror de mim se apossa; Todo o humano sofrer sinto no peito. Detrás destas muralhas que gotejam, a desditosa jaz, e foi seu crime uma doce ilusão! Entrar rezeias? Tremes de vê-la? [...] Maldita hora em que nasci!⁸

Desesperada com o acontecido, Margarida, que ficou grávida de Fausto, mergulha em uma crise. Em surto, afoga o filho recém-nascido e é condenada à morte. Cheio de aflição, nosso herói tenta resgatar a amada da masmorra, mas ela decide sucumbir a seu destino. Margarida morre e Fausto perde seu equilíbrio. Em uma tentativa de restabelecimento da persona, revive uma espécie de caos original.⁷

O poder do inconsciente

ARIEL: Quando asperge a primavera no campo chuva de flores, quando a todo o ser alegre a terra com seus verdes, leves gênios benfazejos auxílios correm a dar; sejam inocente ou culpado, sentem do triste o penar. Vós que desta cabeça entorno andais voando, mostrai-vos gênios bons, curai-o alado bando: no coração calmai-lha a luta veemente! Do seio arrancai o remorso pungente, no íntimo apagai-lhe o já passado horror!⁸

Diante da dificuldade aparentemente insuperável e inevitável, atua o poder benigno e protetor do destino.⁴ No monomito, este seria o ambiente para a chegada da ajuda divina, onde a consciência perde seu poder de liderança e um poderoso processo inconsciente e impessoal toma o controle. “É este quem decide o jogo do destino e não a consciência e suas intenções”.⁷

A individuação

Ganho terreno onde milhões habitem, seguros não, mas livres, mas ativos! [...] Oh, sim! À ideia tal todo me voto, é da sapiência a derradeira máxima: que só da liberdade e vida é digno quem cada dia conquistá-las deve! [...] Pudesse eu ver o movimento infindo! Ao momento fugaz então dissera 'és tão belo, demora-te! Por séculos e séculos dos meus terrenos dias não se apaga o vestígio'. Agora mesmo, somente em pressentir tanta delícia, gozo ditoso o mais celeste instante.⁸

Fausto inicia uma nova fase no seu caminho do aperfeiçoamento e desenvolvimento pessoal. O amor puro de Margarida e sua experiência com o mal despertaram nele seu lado melhor. Ele atinge a plenitude livre da dimensão material. Fausto ultrapassa os limites da sua personalidade, indo muito além dela, realizando todo o potencial de suas qualidades coletivas. No momento de sua morte, Mefistófeles vem ao encontro de Fausto, mas os anjos de Deus também. O herói termina sua jornada, a individuação encerra mais um ciclo.

CONCLUSÃO

As associações ilustrativas são importantes, pois permitem que os aspectos do processo de desenvolvimento psicológico humano trazidos pelos pacientes ao *setting* terapêutico sejam refletidos e mais facilmente assimilados, fertilizando com imagens ricas as mais diversas possibilidades humanas.

A partir deste estímulo, com base na perspectiva simbólica antropológica e analítica, e através do suporte conceitual do monomito, pode-se trabalhar uma relação mais próxima entre a simbolização e o autodesenvolvimento. O Fausto representa a natureza da alma humana que, na limitação da personalidade, passa por conflitos que possuem origens complexas. Tais conflitos fazem com que ele se lance em uma aventura sobre-humana muito além da sua capacidade racional, onde surgem seres superiores e divinos para lhe provocar sentimentos que o levem ao encontro de sua verdadeira natureza, que possibilitam, no final da jornada, o alcance de um novo estado de consciência.

Durante a escuta clínica o terapeuta deve perguntar-se: qual o conflito em que esta alma está envolvida? Deve ficar atento ao tema central na fala do seu paciente. Ao identificar o conflito anímico, pode então simbolizá-lo através de um conto, mito ou poesia do seu repertório, ou ainda criar uma imagem narrativa simbólica original da situação, para posteriormente devolvê-la, de forma aberta, estimulando uma reflexão profunda, livre dos conceitos, muitas vezes cristalizados da situação em que se encontra o indivíduo. Buscando iluminar com a simbolização um lado ainda oculto da sua vida anímica, numa situação de desamparo. Pode-se, por exemplo, ecoar nessa atmosfera trechos do "Rumpelstilzli-

no", citados por Steiner,¹⁰ fazendo com que a alma humana possa reconhecer na sua natureza a força da transformação; ou ainda, nas palavras de Rubem Alves, inspiradas em Fiódor Dostoievsky, perceber as gaiolas que aprisionam sua existência anímica, ao refletir sobre o medo do vazio e o seu desejo apaixonado pelo voo.¹¹

O presente trabalho vem contribuir com a discussão científica da utilização desse material literário, oferecendo suporte teórico e propondo a simbolização como ferramenta psicoterápica interseccionando pontos entre a psicologia analítica de Jung e antropológica de Steiner. Conforme coloca Roberto Sardello no prefácio do livro de Gerhard Wehr, *Jung & Steiner - The birth of a new psychology*,¹² embora Steiner seja reconhecidamente mais profundo nas explicações espirituais, os conceitos junguianos podem ampliar a compreensão das manifestações psicológicas da alma na vida cotidiana. Da mesma forma que os conceitos antropológicos muito podem contribuir no entendimento da atuação do espiritual na alma humana na psicologia analítica. Esta abordagem transdisciplinar deste trabalho, por sua vez, propicia uma ampliação no desenvolvimento dos conhecimentos específicos, na medida em que fomenta o diálogo entre disciplinas diferentes, estimulando novas conexões teóricas e integrando campos distintos do conhecimento científico.

Declaração de conflito de interesses

Nada a declarar.

Referências bibliográficas

1. Steiner R. Rosicrucianism and modern initiation. Occult schools in the 18th and first half of the 19th century. GA 233a, lecture 12/01/1924 [monografia na Internet]. Freemont: Rudolf Steiner Archive; 2006 [citado 2015 Mai 13]. Disponível em: <<http://wn.rsarchive.org/Lectures/Dates/19240112p01.html>>.
2. Steiner R. A ciência oculta. 3ª ed. São Paulo: Antropológica; 2006.
3. Jung CG. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1964.
4. Campbell J. O herói de mil faces. São Paulo: Ed. Pensamento; 2007.
5. Steiner R. Antroposofia e psicologia. In: Treichler M (Org.). Conceitos fundamentais para uma psicologia antropológica. São Paulo: Antropológica; 2011.
6. Von Franz ML. O processo de individuação. In: Jung CG (Org.). O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1964. p.158-229.
7. Jung CG. O eu e o inconsciente. Petrópolis: Vozes; 2001.
8. Goethe JW. Fausto. São Paulo: Martin Claret; 2013.
9. Jung CG. Aion - Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes; 1988.
10. Steiner R. Os contos de fadas - Sua poesia e sua interpretação. 3a ed. São Paulo: Antropológica; 2014.
11. Alves R. Religião e repressão. São Paulo: Teológica / Loyola; 2005.
12. Wehr G. Jung & Steiner - The birth of a new psychology. Great Barrington: Anthroposophic Press; 2002.

Avaliação: Editor e dois membros do conselho editorial

Recebido em 09/12/2015

Aceito em 12/01/2016